

## EE: DESPERTAR A FOME E SEDE DE INTERIORIDADE

Há uma “**fome e sede**” universal; ela afeta a todos e a todos iguala: a “**fome de interioridade**”.

Mesmo que o contexto social e econômico rejeita esta “fome existencial”, mais cedo ou mais tarde, todo ser humano vai se deixar afetar por ela.

A fome de alimentos só será saciada quando a “fome interior” encontrar, no próprio interior de cada um, um “celeiro” dos alimentos mais nobres que o plenificarão.

Uma situação interior de **conflito** e **divisão** é comum ao ser humano pós-moderno. Vivemos uma época de angústia e ansiedade, e é aguda a consciência de uma fragmentação do **eu** interior.

**Conflitos** de vários gêneros são reflexos da discordância profunda, da disformidade no coração, da ambivalência na fonte de nosso **eu** profundo. Sentimo-nos “desconhecidos” em nossa esfera mais íntima.

Segundo Erikson, a verdadeira nobreza do ser humano consiste nisto: há nele “algo” de interior, decorrente de sua natureza; há nele um **alimento** latente, como uma energia fundamental, que o impulsiona a viver, que o ajuda a crescer e a melhorar continuamente, aumenta a sua capacidade de resistência, estimula-o a alcançar aquilo que é o sentido de sua própria existência: a verdade, a liberdade, o bem, o amor... Com a presença deste **alimento interior**, a pessoa se sente guiada pelo seu dinamismo, que lhe proporciona saúde física, lucidez mental e limpidez afetiva. É este alimento que comanda os melhores momentos da vida humana como um princípio ativo, dinâmico, criativo... Tais **alimentos** primordiais, vitais, presentes nas diferentes etapas do crescimento, são essenciais ao ser humano, graças às quais ele se orienta diante das solicitações da vida pessoal e das múltiplas escolhas, constrói a sua vida pessoal e chega ao seu amadurecimento; eles assistem e sustentam o ser humano no caminho da maturidade para a plenitude do seu ser.

Quando este “**alimento vital**” permanece escondido, o ser humano perde a direção, não faz progredir a sua potencialidade e demite-se da própria vida.

No entanto, essas **forças e energias** psíquicas são autoterapêuticas e autocorretivas, ou seja, construtivas e sãs, que levam ao crescimento e desenvolvimento. É decisivo saber descobrir e canalizar essas energias espontâneas, capazes de promover a integração e que são facilitadoras de mudanças frente à finalidade de nossa vida: “*louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor*” (EE. 23).

É decisivo despertar e aproveitar, para o desenvolvimento integral da personalidade, as abundantes potencialidades e recursos presentes nas profundezas do coração humano. São **forças** construtivas e autônomas, livres de influências externas e fisiológicas, que devem ser colocadas a serviço da construção de uma personalidade sadia, equilibrada e mais rica. Com isso, todo seu interior se alarga e se dilata.

O manancial de nosso ser essencial constitui nossa autêntica vida. Descubri-lo, abrir-nos a ele, fazer-nos transparentes a ele e vivê-lo cada dia constituem a plenitude de nossa realização.

Precisamos viver mais **nas** raízes de nosso ser; precisamos aprender a viver de uma maneira mais profunda e autêntica, a partir do núcleo mais íntimo de nosso ser, a partir de nosso ser essencial.

E viver a partir de nosso **ser essencial** é nossa autêntica realização e plenitude. É chegar a integrar e harmonizar todos os níveis de nossa pessoa: corpo, mente, afetividade, coração... com a **fonte** de nossa vida. Trata-se de descer em profundidade, de achar o nosso **centro**, aquele ponto de gravidade por onde passa o **eixo** do nosso equilíbrio pessoal.

É nesse conjunto de **recursos e dinamismos vitais** que a **Graça** de Deus trabalha; Ela pode ser considerada como uma presença dinâmica, um estimulante das energias latentes do **eu**.

A presença da **Graça** é um reforço, um suporte, um energético do eu, uma ativadora das capacidades do **eu**. Ela não substitui o **eu**, nem se estabelece como uma atividade estranha; não constrange, não violenta, mas ajuda, esclarece, mobiliza as energias presentes, facilita largamente a missão de cada um, a tarefa de ser ele mesmo o agente de sua história, de sua harmonia intrapsíquica e de ajustamento à realidade circundante. Ela estimula ao máximo, revitaliza continuamente as capacidades naturais, as graduais descobertas...

É isso que entendem dizer os escolásticos quando afirmam que “**a Graça aperfeiçoa a natureza**”.

Mais ainda, o **Espírito** habita nosso ser profundo, sustenta nossas energias sadias, aumenta-nos as forças, compromete-nos a nos desenvolver de forma autônoma. Ele age como um “**princípio dinâmico**” e como um “**energético ativo**”, que colabora com as atividades do **eu**, respeitando as leis do seu desenvolvimento e as suas instâncias físicas-psicológicas-espirituais. Temos de viver a partir do **Espírito**, transformando e vitalizando nossos gestos, nossos pensamentos, trabalhos, encontros...

É esta **força vital** autoterapêutica, presente em cada ser humano, que pode ser liberada pela experiência dos EE, pelo mergulho do ser humano em si mesmo ou pela submersão nas profundezas do próprio coração.

A pessoa *“sente”* Deus em tudo e tudo em Deus quando todas as suas potencialidades, a racionalidade da cabeça, o ardor de seu peito, o desejo das entranhas, se unem e se transformam no “coração”.

*“Orar com o coração”* significa voltar os olhos mais para a *interioridade*, para poder reconstruir e reunificar as “forças” dispersas da pessoa.

A experiência dos EE, portanto, ocupa notável importância no cerne dos conflitos e divisões internas, e sempre nos oferece um caminho de integração. O dinamismo vital da oração pode ser considerado como um remédio para a nossa insatisfação profunda, uma redução do nosso conflito interior, uma vitória sobre a ansiedade, sobre a divisão, sobre o tumulto emotivo tão característico em cada um de nós.

Toda pessoa possui dentro de si uma **profundidade** que é seu *mistério íntimo e pessoal*. *“Viver em profundidade”* significa *“entrar”* no âmago da própria vida, *“descer”* até às fontes do próprio ser, até às raízes mais profundas. Aí se pode encontrar o **sentido** de tudo *“aquilo que se é, daquilo que se faz, se espera, busca e deseja”*.

A própria **interioridade** é a rocha consistente e firme, bem talhada e preciosa que cada pessoa tem, para encontrar segurança e caminhar na vida superando as dificuldades e os inevitáveis golpes na luta pela vida. É no *“eu mais profundo”* que as **forças vitais** se acham disponíveis para ajudar a pessoa a crescer dia-a-dia, tornando-a aquilo para o qual foi chamada a ser. Trata-se da dimensão mais verdadeira de si, a sede das **decisões vitais**, o lugar das **riquezas pessoais**, onde ela vive o **melhor** de si mesma, onde se encontram os **dinamismos** do seu crescimento, de onde partem as suas **aspirações** e **desejos** fundamentais, onde percebe as dimensões do **Absoluto** e do **Infinito** da sua vida.

Não há acesso a este lugar quando se vive na periferia de si mesmo; no entanto, ele se abre quando se descobre a existência como dom. Este modo de viver é o que torna transparente a realidade, e descobre a presença de Deus em todas as coisas e de todas as coisas em Deus.

Quando habitamos com liberdade e transparência nosso próprio interior, descobrimos e deixamos emergir todas as **potencialidades** que permaneciam ocultas e estéreis, revelamos nossos recursos profundos, despertamos a criatividade adormecida. A partir de então, colocamo-nos em marcha para construir algo novo, para colocar vida em nossa história, em todas as situações. A **paz** se instala, as forças vivas centram-se no presente e são mobilizadas para tornar-se fecundas. Sobrevém a **alegria**, porque seu fundamento é a verdade que permite descobrir nossa verdadeira missão, nosso lugar no mundo.

Segundo **Mt 16,13-20**, o olhar profundo de Jesus levará Pedro também a se conectar com seu ser mais profundo (aquilo que é mais sólido), com sua realidade mais verdadeira, com os desejos de seu coração ainda não configurados pelo amor. Quando Jesus fixa o olhar em Simão, seus olhos descobrem no interior deste homem um nome escondido (Pedro), e ao pronunciá-lo, possibilita-lhe despertar essa vocação já inscrita no mais profundo de seu ser. Aqui começa para Pedro uma nova história, que já não será narrada por ele sozinho, mas em comunhão com Jesus, entre idas e vindas, fragilidades e fortalezas, tentativas no amor e fracassos...

Nas itinerâncias de Jesus, Pedro foi convidado a “fazer caminho com Ele”, começando pelo próprio interior; impactado pela ternura cuidadosa de Jesus em sua vida, Pedro irá sendo conduzido a descobrir-se, a ser cada vez mais consciente de si mesmo e adentrar-se por rotas novas de liberdade, de vida, de entrega...

Mateus faz um sugestivo jogo de palavras entre dois nomes gregos comuns: **“petros”** (pedra) e **“petra”** (rocha). **“Petros”** tem o significado de pedra comum, pedregulho, sem consistência; **“petra”**, por sua vez, significa **rocha**, pedra sólida sobre a qual se assenta um edifício. *“Tu és petros e sobre esta petra...”*

Aparece, então, a comparação-oposição entre a fragilidade e a pequenez da pedra frente à segurança e robustez da rocha. Pedro é **“pedra”** em sua fragilidade humana, mas é **“rocha”** em sua manifestação de fé. A rocha não é a pessoa de Pedro, mas a fé de Pedro. Sobre essa **rocha-fé** de Pedro Jesus deseja edificar sua comunidade de seguidores.

Nesse sentido, os EE também nos ajudam a **ler** nossa vida interior. Ali afirma-se também a nossa identidade; e a nossa identidade se revela por aquilo que é sólido, consistente, alimento salutar; nosso interior é constituído por aquilo que é mais nobre e nutriente e que não se desfaz com as adversidades do mundo no qual vivemos (crises, fracassos...).

Toda pessoa possui dentro de si uma **profundidade** que é seu *mistério íntimo e pessoal*. Sobre essa “rocha” construímos nossa maneira de seguir a Jesus.